

textos



# Personagens autoritárias segundo Agatha Christie

*Jean Pierre Chauvin*

“Oh, besta monstruosa,  
ele estava deitado como um suíno!”

(William Shakespeare, *A megera domada*, Cena I)

“O que então vigora no Supereu é como  
que pura cultura do instinto de morte”

(Sigmund Freud, “O Eu e o Id”, Item V)

P

## PERFIS

Personagens com perfil dominador são frequentes nos romances de Agatha Christie. Em geral, essas criaturas estão cercadas por familiares em conflito e podem se tornar autoras ou vítimas de crimes motivados por necessidade financeira, ódio ou vingança, como argumenta Sophie de Mijolla-Mellor (2006).

Não raro, encontramos amostras desses tipos autoritários, como é o caso da Sra. Boynton – a mãe castradora de *Encontro com a morte* (1938):

---

**JEAN PIERRE CHAUVIN** é professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e autor de *Crimes de festim: ensaios sobre Agatha Christie* (Todas as Musas).

“Ouvii-se uma tosse asmática. A monumental figura que tricotava falou:

– Ginevra, você está cansada, é melhor ir para a cama.

Os movimentos dos dedos cessaram, e a moça apressou-se em negar:

– Não estou cansada, mamãe.

Gerard notou a beleza da musicalidade de sua voz.

– Sim, você está cansada. Eu sempre sei. Acho que não poderá ir à excursão amanhã” (Christie, 1996, p. 27).

Ou John Christow, o médico narcisista de *A mansão Hollow* (1946):

“– Se você detestasse doentes, não seria médico, querido – disse Gerda, rindo gentilmente.

– Mas sou exatamente por isso – retrucou John Christow. – Nenhum médico gosta de doença. Santo Deus, esta carne está gelada. Por que diabos você não a mandou de volta para a cozinha para não esfriar?

– Bem, querido, eu não sabia. Pensei que você estivesse chegando.

John Christow tocou a sineta. Um tilintar longo, irritado. Lewis apareceu prontamente” (Christie, 1980, p. 56).

Ou Miss Martindale, secretária mandona que aparece em *Os religiosos* (1963):

“Às duas e trinta e cinco, ouviu-se a campainha de Miss Martindale, e Edna Brent respondeu do escritório externo com a sua voz costumeira, ofegante e anasalada, enquanto manobrava um caramelo derretido entre seus maxilares.

– Pois não, Miss Martindale?

– Escuta Edna, não foi assim que eu lhe

ensinei a atender os telefonemas. Fale claro e sem ofegar.

– Desculpe, Miss Martindale.

– Assim está melhor. Quando você quer, você faz. Mande Sheila Webb falar comigo” (Christie, 2001, pp. 9-10).

Boynton é uma matriarca que cerceia o desejo dos filhos em prol de suas vontades. John despreza a dedicação da esposa e mantém uma indiscreta relação extraconjugal (sabida por quase todos de seu círculo de amizades). Martindale é uma secretária que supercontrola o trabalho de suas subordinadas, fingindo acreditar que elas alcançarão padrões inatingíveis de eficiência. Examinadas mais de perto, nota-se que essas criaturas exibem características diferentes, mas atuam de modo similar.

Provavelmente elas estejam confortáveis em seu papel “superior” e apreciem se sentir no comando. Esse comportamento de quem dirige e, simultaneamente, assiste a uma peça teatral também se liga ao fato de serem (ou se considerarem) o centro das atenções, porque nelas o narcisismo<sup>1</sup> parece ser contraparte do autoritarismo<sup>2</sup>. Como percebeu Erich Fromm (1961, p. 21):

---

1 Em “Introdução ao narcisismo”, Sigmund Freud enxergava “em largos traços, uma oposição entre libido do Eu e libido do objeto. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra” (Freud, 2017, p. 17).

2 Para Virginia Helena Ferreira da Costa, “[...] no caso do autoritário que exterioriza o supereu, esta dualidade inerente a tal instância psíquica [o supereu] também é projetada, sendo que o traço idealizado e terno desta instância seria dirigido ao líder, ao passo que a agressividade e punição seriam direcionadas aos membros dos *outgroups*. Tal exteriorização pode ser vista como um modo de, novamente, evitar a vivência de conflitos psíquicos, de modo que, desta vez, a contradição a ser evitada seria justamente a do interior do próprio supereu” (Costa, 2019, pp. 225-6 – grifos meus).

“A não ser que a autoridade quisesse explorar o subordinado, não precisaria de governar graças ao temor e à submissão emocional; poderia estimular o julgamento e a crítica racionais – arriscando-se, assim, a ser considerada incompetente. Porém, como estão em jogo seus interesses próprios, a autoridade estabelece que *a obediência é a virtude capital e a desobediência o principal pecado*” (grifos do autor).

À mercê do domínio de Boynton, Christow e Martindale, quem mais sofre são seus familiares, amigos e colegas de trabalho. Poderíamos sugerir que as três personagens se comportam como sádicas<sup>3</sup>. Para elas, deter o comando é um misto de necessidade (no caso, controlar o mundo à sua volta) e prazer (pois se regozijam com o sofrimento que proporcionam aos objetos).

Conhecedora das teorias freudianas, é interessante observar que numerosas obras de Agatha Christie trazem violentas disputas entre casais, ou entre pais e filhos<sup>4</sup>, como pano de fundo para crimes – tanto os mais passionais, quanto aqueles planejados meticulosamente.

## DOIS CASOS

Como se disse, é fácil a tarefa de reconhecer as personagens autoritárias na obra

de Agatha Christie. Em geral, trata-se de seres que, além de subjugar amigos e parentes em acordo com os seus desígnios, costumam domar a palavra por mais tempo e se sobrepor aos outros, durante os diálogos e ações. Como passam os dias a ordenar coisas aos criados e controlar os seus dependentes, é fundamental estudar como elas utilizam as palavras: quase nunca por acaso, ou a esmo.

Esses tiranetes quase sempre se impõem pelo discurso próprio e pelo cerceamento da fala circundante. Por isso, refletir sobre a linguagem e o modo como a negociam pode resultar em análises profícuas sobre suas personalidades, em correspondência com as ações unilaterais que eles adotam. Como disse Michel Foucault (2016, p. 12): “[...] o discurso – a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou esconde) o desejo; também é aquilo que é objeto do desejo”.

Talvez seja produtivo discutir esses discursos de comando, recorrendo a outras amostras. A título de ilustração, concentremo-nos mais detidamente em duas criaturas: o extravagante e misterioso Mr. Shaitana, de *Cartas na mesa* (1936), e o ranzinza Simeon Lee, de *O Natal de Poirot* (1938).

Shaitana era um sujeito de origem desconhecida. Manipulador sarcástico, vivia a dar indiretas a todo tipo de gente, inclusive as mais perigosas. Certo dia, comunica a Hercule Poirot que dali a duas semanas reuniria criminosos impunes, durante um jantar emendado em rodadas de *bridge*. Seu propósito era provocar os convidados, já que, para ele, o jogo era duplo. De certo modo, as rodadas de *bridge* são partidas dentro de um jogo maior e mais arriscado, em que o anfitrião apostou e perdeu a própria vida.

---

3 Theodor Adorno, em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, defendia que “[...] a personalidade é principalmente um potencial; é uma prontidão para o comportamento, em vez de ser o próprio comportamento; embora ela consista em disposições para comportar-se de certas formas, o comportamento que de fato ocorrerá dependerá sempre da situação objetiva” (Adorno, 2019, pp. 82-83).

4 “[...] parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal” (Freud, 2017, p. 34).

Simeon Lee é um multimilionário sem escrúpulos que enriqueceu com minas de diamante na África do Sul. No fim da vida, em cadeira de rodas e tomado pela artrite, cercado de criados que hostiliza, passa quase todo o tempo no espaço do quarto da mansão Gorston, propriedade em que reside desde criança. Certa feita, convida todos os filhos, noras e neta para celebrar o Natal em sua companhia. Sob o pretexto de celebrar a paz e semear o espírito da boa vontade, sua intenção é hostilizar os convidados e alimentar a discórdia entre eles – sabidamente interessados em disputar um quinhão da sua fortuna.

Ambos os romances contam com o célebre Hercule Poirot; mas a atuação dele não é a mesma. Em *Cartas na mesa*, o investigador é introduzido logo às primeiras linhas, durante breve diálogo com Shaitana. Em *O Natal de Poirot*, o detetive só participa da história após transcorrido um terço do volume. Nos dois casos, as deduções de Poirot são impressionantes, como de costume.

Entretanto, há uma diferença importante: a quantidade de personagens colocadas sob suspeita. Em *Cartas na mesa*, as investigações giram em torno de quatro jogadores sem amizade ou parentesco; em *O Natal de Poirot*, são pelo menos oito suspeitos, quase todos filhos e parentes de Simeon Lee. O fator numérico certamente interfere na condução dos enredos. Em *Cartas na mesa*, os diálogos entre os quatro investigadores e os quatro convidados são mais extensos e resultam em turnos e retornos de vozes. Em *O Natal de Poirot*, as entrevistas conduzidas por Poirot são mais objetivas, reservando-se maior espaço para aparentes digressões do narrador.

Além de estimular a curiosidade e sarna do leitor – empenhado em descobrir a

identidade dos assassinos –, esses romances interessam de perto por moldarem protagonistas marcantes e controversos no papel de anfitriões. É interessante observá-los em cena, mesmo porque o modo como Simeon Lee procede evoca as maneiras zombeteiras performadas por Shaitana. Consideremos a personalidade de dois sujeitos que foram mortos por compartilhar características e modos peculiares de se portar e agir:

“Toda a pessoa de Mr. Shaitana chamava a atenção – de propósito. Procurava deliberadamente criar um efeito mefistofélico. Era alto e magro, de rosto longo e tristonho, com sobrancelhas fortemente acentuadas, negras como breu. Usava bigode de rígidas pontas, espichadas, e uma minúscula pera preta. Seus trajes eram obras de arte – de corte requintado – mas com um toque de extravagância” (Christie, 1972, p. 10).

“[Simeon Lee] Uma figura maltrapilha e insignificante, se poderia pensar. Mas o nariz, aquilino e orgulhoso, e os olhos, escuros e intensamente vivos, poderiam fazer com que um observador mudasse de opinião. Ali havia fogo, vida e vigor” (Christie, 2016, p. 35).

Esses breves retratos aludem à aparência que os anfitriões têm e às razões que os impulsionam. Embora estejam em circunstâncias e momentos diferentes, Shaitana e Simeon Lee se deliciam em reunir pessoas e provocar mal-estar. Trata-se de homens endinheirados, viajados e poderosos que se divertem em submeter seus convidados a situações constrangedoras, para dizer o mínimo. Em suas atitudes, transparece o gosto por controlar a vontade dos outros, enquanto

avaliam a reação alheia (seja do canto da sala, seja do quarto isolado).

Durante o jantar em sua residência, Shaitana é figurado como um sujeito teatral e sarcástico:

“Houve um leve zunzum de vozes que se espalhou pelo saguão quando o mordomo abriu uma porta e anunciou:

– Monsieur Hercule Poirot.

De copo de xerez na mão, Shaitana veio a seu encontro. Estava, como sempre, vestido de modo impecável. O toque mefistofélico nessa noite se acentuava, as sobranceiras pareciam frisadas num trejeito de zombaria” (Christie, 1972, p. 15).

O patriarca Simeon Lee não fica atrás, ao provocar o filho Alfred:

“Simeon voltou-se para Alfred:

– Você está vendo? Será um Natal grandioso! Todos os meus filhos à minha volta. Todos os meus filhos! Aí está, Alfred, essa é sua pista. Agora adivinhe quem é o outro visitante.

Alfred o encarou.

– Todos os meus filhos! Adivinhe, garoto! Harry, é claro! Seu irmão Harry!

Alfred ficou muito pálido e gaguejou:

– Harry... não Harry...” (Christie, 2016, p. 38).

## CENÁRIOS

Shaitana e Lee divertiam-se em testar os limites das pessoas, para ver quão perturbadas elas ficavam; seu erro foi subestimar o efeito provocado e o absoluto risco que corriam.

Tanto suas personalidades quanto suas condutas reforçam a hipótese de que o es-

tudo das personagens pode constituir uma produtiva chave de leitura dos romances, para além do rótulo detetivesco. Acrescente-se um segundo fator, que talvez ajude a perceber melhor as proporções dessas imagens e sua moldura: o vínculo entre a personalidade de Shaitana e Simeon Lee e o cenário em que estão inseridos. Eis uma constante que, sem se restringir a esses romances em particular, merece ser analisada com atenção.

“Mr. Shaitana demorou-se um instante a observar, sorrindo à socapa. Depois atravessou a sala, indo sentar numa poltrona grande junto à lareira. Uma bandeja com bebidas havia sido trazida e colocada numa mesa adjacente” (Christie, 1972, p. 24).

“[Simeon Lee] Em uma poltrona grande e antiga, a maior e mais imponente de todas, sentava-se a figura magra e extenuada de um velho. Suas mãos longas como garras descansavam sobre os braços da poltrona” (Christie, 2016, p. 34).

Se o crime, por mais hediondo que seja, induz a nossa porção “infantil” a devorar as páginas do romance “de enigma” (Mijolla-Mellor, 2006), de modo geral, o leitor também experimenta um misto de fascínio e repulsa ao decodificar a maneira como essas criaturas são e agem. Nesse sentido, a ligação entre as personalidades (dominadoras ou não) e o ambiente em que vivem sugere que a narrativa policial não se reduz a uma historieta superficial e cheia de peripécias, concebida exclusivamente para atirar leitores sedentos de passar o tempo a deslindar mistérios.

Decompor e analisar personagens pode ser um recurso importante para quem lê e

interpreta as obras de Agatha Christie. Por isso mesmo, o estudo de caracteres precisa ser conduzido com redobrada atenção. Vale lembrar que essas engenhosas histórias devem muito à galeria de personagens e têm muito a dizer sobre a “natureza humana” – como bem sabiam Jane Marple e Hercule Poirot.

Personagens como Boynton, Shaitana, Simeon Lee e John Christow são capazes de sobreviver ao destino que lhes foi conferido na trama. Isso acontece, em parte, porque não é tão difícil detectar vestígios de pessoas de nosso convívio em tais figuras.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Trad. Virginia Helena Ferreira da Costa; Francisco López Toledo Corrêa; Carlos Henrique Pissardo. São Paulo, Editora Unesp, 2019.
- CHRISTIE, Agatha. *Cartas na mesa*. Trad. Milton Persson. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1972.
- CHRISTIE, Agatha. *A mansão Hollow*. 2ª ed. Trad. Vânia de Almeida Salek. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- CHRISTIE, Agatha. *Encontro com a morte*. Trad. Tereza Bulhões de Carvalho Fonseca. São Paulo, Círculo do Livro, 1996.
- CHRISTIE, Agatha. *Os relógios*. 4ª ed. Trad. Carmen Prudente. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- CHRISTIE, Agatha. *O Natal de Poirot*. Trad. Jorge Ritter. Porto Alegre, L&PM, 2016.
- COSTA, Virginia Helena Ferreira da. *“A personalidade autoritária”: antropologia crítica e psicanálise*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH/USP, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *L’Ordre du discours*. 1ª reimp. Paris, Gallimard, 2016.
- FREUD, Sigmund. “O Eu e o ID”, in *Obras completas*, vol. 16. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, pp. 13-74.
- FREUD, Sigmund. “Introdução ao narcisismo”, in *Obras completas*, vol. 12. 5ª reimp. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2017, pp. 13-50.
- FROMM, Erich. *Análise do homem*. 2ª ed. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.
- MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. *Un divan pour Agatha Christie*. Le Bouscat, L’Esprit du Temps, 2006.
- SHAKESPEARE, William. *The taming of the shrew*. Oxford, Oxford University Press, 2008.